

RACISMO E ESCRAVIDÃO NO CONTO “MARIANA”, DE MACHADO DE ASSIS

RACISM AND SLAVERY IN THE SHORT STORY “MARIANA”, BY MACHADO DE ASSIS

CARMEM LÚCIA LOBO GONÇALVES¹

MARCELO SPITZNER²

Data em que o trabalho foi recebido: **15/01/2025**

Data em que o trabalho foi aceito: **26/04/2025**

¹Licenciada em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa, UFRA (Universidade Federal Rural da Amazônia), e-mail: carmen.lobogoncalves@gmail.com , Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-9529-1064>

²Doutor em Literatura, UFRA (Universidade Federal Rural da Amazônia), e-mail: marcelo.spitzner@ufra.edu.br , Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-5765-8919>

RACISMO E ESCRAVIDÃO NO CONTO “MARIANA”, DE MACHADO DE ASSIS

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso propõe uma análise interpretativa do conto “Mariana” (2019), do escritor Machado de Assis. A partir das contribuições de Almeida (2019), Cuti (2010), Duarte (2007), Fanon (2008), Munanga (2010), Schwartz (2005), Silva e Cardoso (2016), abordam-se temas como escravidão, racismo, solidão e morte. Utilizando dados bibliográficos, o estudo foca na representação do racismo e escravismo brasileiro, dividindo-se em cinco tópicos: Raça e Etnia; Racismo e Discriminação; O Negro na Literatura Brasileira; O Negro e a Mulher Negra em Machado de Assis; e Contextos do Naturalismo. O objetivo é analisar as referências à escravidão e ao racismo presentes no conto machadiano, visando compreender a representação da realidade brasileira no século XIX e na atualidade. A pesquisa destaca a relevância dos temas abordados, que ainda são discutidos hoje, e investiga as relações de dependência emocional, submissão e subalternidade entre os personagens, além de explorar reflexões socioculturais sobre classe, hipocrisia social e a busca por liberdade e autonomia da mulher negra.

Palavras-chave: Escravidão. Machado de Assis. Mariana. Mulher negra. Racismo.

RACISM AND SLAVERY IN THE SHORT STORY “MARIANA”, BY MACHADO DE ASSIS

ABSTRACT

This thesis proposes an interpretative analysis of the short story “Mariana” (2019) by the writer Machado de Assis. Drawing on the contributions of Almeida (2019), Cuti (2010), Duarte (2007), Fanon (2008), Munanga (2010), Schwartz (2005), and Silva e Cardoso (2016), it addresses themes such as slavery, racism, loneliness, and death. Using bibliographic data, the study focuses on the representation of Brazilian racism and slavery, divided into five topics: Race and Ethnicity; Racism and Discrimination; The Black Person in Brazilian Literature; The Black Person and the Black Woman in Machado de Assis; and Contexts of Naturalism. The objective is to analyze the references to slavery and racism present in Machado’s short story, aiming to understand the representation of Brazilian reality in the 19th century and today. The research highlights the relevance of the addressed themes, which are still discussed today, and investigates the relationships of emotional dependence, submission, and subalternity among the characters, as well as exploring sociocultural reflections on class, social hypocrisy, and the quest for freedom and autonomy of the black woman.

Keywords: Slavery; Machado de Assis; Mariana; Black woman; Racism.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso apresenta uma análise do conto Mariana de Machado de Assis, que foi publicado originalmente no “Jornal das Famílias” em janeiro de 1871. O objetivo é analisar as referências à escravidão e ao racismo presentes no conto machadiano, visando compreender a representação da realidade brasileira no século XIX e na atualidade. Machado de Assis, com sua narrativa envolvente e sua capacidade única de analisar as complexas relações humanas e sociais, constrói em “Mariana” um conto marcante e atemporal. A narrativa é apresentada pelo fato de Mariana não ser uma pessoa livre, apesar de ser considerada “quase” da família: “era uma gentil mulatinha nascida e criada como filha da casa, e recebendo de minha mãe os mesmos afagos que ela dispensava às outras filhas.” (ASSIS, 2019). Além do mais, é importante ressaltar que o conto se trata também de uma reflexão sobre a solidão da mulher negra. É uma obra que mostra as nuances e ambiguidades das relações humanas. Desse modo, ao analisar esta obra machadiana, é possível refletir temáticas sociais, que ao longo deste trabalho serão descritas. Além disso, isso pode fornecer observações valiosas sobre a história do Brasil.

A problemática deste estudo destaca que, em vista dos temas abordados, há uma relevância contínua e crescente nas discussões sobre o racismo nos dias de hoje. Portanto, é imprescindível identificar, por meio desta obra literária e das teorias que serão discutidas ao longo do trabalho, as diversas formas de racismo que ainda persistem na sociedade contemporânea. A literatura se constitui como discurso que coloca a representação das inúmeras condições que perpassam a existência humana e, o racismo e as discriminações, como estruturantes da sociedade brasileira, se apresentam nesse discurso.

A literatura afro-brasileira oferece uma representação a partir dos sujeitos negros, numa visão aproximada, em que Proença Filho mostra: “A presença do negro na literatura brasileira não escapa ao tratamento marginalizador que, desde as instâncias fundadoras, marca a etnia no processo de construção da nossa sociedade.” (Proença Filho, 2004, p. 1). No entanto, é importante notar que, ao longo do tempo, houve esforços significativos para desafiar e reverter essa marginalização. Movimentos literários e culturais, têm trabalhado para afirmar a identidade e a experiência negra, promovendo essa representação, Proença Filho complementa: “Evidenciam-se, na sua trajetória no discurso literário nacional, dois posicionamentos: a

condição negra como objeto, numa visão distanciada, e o negro como sujeito, numa atitude compromissada.” (PROENÇA FILHO, 2004, p.1). Assim, a literatura afro-brasileira emerge de uma perspectiva interna e comprometida, em que autores negros escrevem sobre suas próprias experiências e identidades. Essa abordagem busca afirmar a subjetividade e a agência dos negros, promovendo uma visão mais autêntica e empoderadora, com isso Proença diz: “Tem-se, desse modo, literatura sobre o negro, de um lado, e literatura do negro, de outro. (PROENÇA FILHO, 2004, p. 1)

Mostrando-os como seres humanos complexos com suas próprias histórias e perspectivas, Machado de Assis retratou personagens negras como figuras humanas complexas, com vivências e pontos de vista próprios. Com uma escrita sutil e estratégica, ele criticava, ainda que de forma velada, a escravidão e as injustiças sociais do Brasil de seu tempo. Por isso, neste trabalho, consideramos sua obra parte da literatura afro-brasileira. Visto isso, a pesquisa se baseia em uma perspectiva bibliográfica, utilizando este conto de Machado de Assis, como principal fonte para a coleta e análise dos dados. A partir da obra, será desenvolvida análise detalhadas sobre a representação do racismo e da escravidão.

Além disso, este trabalho investigará como o conto “Mariana” retrata as relações de dependência emocional e submissão entre a protagonista e os personagens brancos, oferecendo uma visão crítica sobre as dinâmicas de poder e opressão. Serão também analisadas as reflexões socioculturais presentes no conto, incluindo questões de classe, hipocrisias sociais e a busca por liberdade e autonomia da mulher negra.

Em síntese, a metodologia do trabalho será subdividida, em cinco tópicos, além da análise do conto. Destaco: Raça e Etnia; Racismo e Discriminação; O Negro na Literatura Brasileira; O Negro e a Mulher Negra em Machado de Assis; e Contextos do Naturalismo. Para fundamentar essas análises, serão utilizados como bases teóricas os trabalhos de renomados escritores e pesquisadores como Aluísio Azevedo, Conceição Evaristo, Constância Lima Duarte, Eduardo de Assis Duarte, Florentina Sousa, Frantz Fanon, Kabengele Munanga, Lília Moritz Schwarcz, Luiz Silva Cuti, Silvio Almeida e Proença Filho.

Portanto, este trabalho não apenas busca contribuir para a compreensão das complexas questões de raça na literatura brasileira, mas também pretende oferecer uma reflexão crítica sobre as persistentes desigualdades sociais que ainda marcam a sociedade brasileira. Desse modo, os tópicos a seguir apresentarão as principais temáticas teóricas relacionadas ao trabalho, proporcionando uma visão abrangente e detalhada sobre o assunto.

2 REVISÃO TEÓRICA

2.1 Raça e etnia

Este tópico terá início enfatizando o conceito de raça e etnia. Para mais, destaco Munanga (2010) com o seguinte pensamento:

Afinal o que é a raça? O que é o racismo? Por que o racismo? Como se manifesta o racismo entre outras? Os problemas da sociedade são numerosos e acontecem dentro dela.” Sendo da sociedade, são todos, por definição, problemas sociais com especificidades diferentes, engendrados ou originados pelas diferenças na sociedade. Essas podem ser de origem sócio-econômica ou classe social, de sexo, de gênero, de religião, de etnia, de “raça”, de idade, de nacionalidade, etc. Em outros termos, todos os problemas da sociedade são sociais, inclusive os preconceitos e discriminações raciais que constituem apenas uma das modalidades do social. (MUNANGA, 2010, p. 2).

Desse modo, a complexidade dos problemas sociais, enfatizando que questões como racismo e discriminação são intrinsecamente problemas sociais não isolados ou distintos de outros problemas da sociedade, na qual Silvio Almeida (2019) complementa:

Há grande controvérsia sobre a etimologia do termo raça. O que se pode dizer com mais segurança é que seu significado sempre esteve de alguma forma ligado ao ato de estabelecer classificações, primeiro, entre plantas e animais e, mais tarde, entre seres humanos. A noção de raça como referência a distintas categorias de seres humanos é um fenômeno da modernidade que remonta aos meados do século XVI. (Almeida, 2019, p. 18).

Assim, Munanga (2010), evidencia que a discriminação no sentido restrito do termo significa a passagem de uma simples atitude preconceituosa à uma ação observável e às vezes mensurável. Além disso, ele critica a noção de que o preconceito racial no Brasil é apenas um problema de classe econômica, argumentando que essa visão nega a existência de discriminação racial, étnica e o mito da democracia racial no país.

As pessoas querem dizer, está claro, que o preconceito racial no Brasil é provocado pela diferença de classe econômica e não pela crença na superioridade do branco e na inferioridade do negro. O que é a voz do mito de democracia racial brasileira, negando os fatos às vezes tão gritantes da discriminação racial no cotidiano do brasileiro. (SCHWARCZ, 2010, pg. 2).

No que diz respeito à “raça”, faz-se refletir que a complexidade de raça deriva de suas raízes históricas profundas e de como ele se adapta e se manifesta em diferentes contextos. Não é apenas um conjunto de atitudes individuais, mas também um sistema de desigualdade institucionalizado no conceito da inferioridade de pobres negros e a superioridade de brancos ricos, como destaca Schwarcz (2005):

Com relação à população negra vigorava uma visão evolucionista, mas determinista no que se refere ao “potencial civilizatório dessa raça”: “Os negros representam um exemplo de grupo incivilizável”, afirmava um artigo publicado em 1891; “As populações negras vivem no estado mais baixo de civilização humana. (SCHWARCZ, 2005, p. 83).

Munanga (2010, p. 4) ainda salienta que “assim tem-se a classe rica ou burguesa, que, diz-se, é dona dos meios de produção (capital, terra, máquinas, etc.).” Ou seja, atualmente está sendo a colheita de algo que foi plantado há muitos séculos, pois é perceptível que, desde o século XVII até os dias atuais, a forma em que o Brasil é dominado por brancos, nos mostra que, os problemas apresentados no país atual, foi provindo desse país colonial e capitalista. Schwarcz (2005) aponta que:

Sem entrar no mérito das medidas implementadas por d. João VI, o certo é que, com a chegada da corte portuguesa ao Brasil, inicia-se propriamente uma história institucional local. Data dessa época a instalação dos primeiros estabelecimentos de caráter cultural — como a Imprensa Régia, a Biblioteca, o Real Horto e o Museu Real —, instituições que transformavam a colônia não apenas na sede provisória da monarquia portuguesa, como em um centro produtor e reprodutor de sua cultura e memória. Formava-se em paralelo uma ‘classe ilustrada nacional’ (Corrêa, op. cit.: 17), que paradoxalmente dependia das instituições criadas com o fim de garantir o melhor controle português. (SCHWARCZ, 2005, p. 21).

Logo, vê-se, então, que é praticamente a classe burguesa branca que defendendo-se na teoria de evolução dessas raças comandou e comanda a classe média e a classe pobre, em que desde a colônia se configura a negros e indígenas. Segundo Schwarcz (2005):

Nesse caso, a combinação de um saber evolucionista com a doutrina católica resultava em uma postura que, ao mesmo tempo que condenava, oferecia soluções: ‘... poder-se-ia então promover a instrução desses míseros filhos das florestas, avezando-os igualmente ao doce jugo do trabalho, tornando-os úteis a si e a seu país, seria ela o ensaio e logo a solução para a perfeita civilização. (SCHWARCZ, 2005, p. 83).

Então, pode-se refletir que essa teoria é o processo de diversos fatores sociais, religiosos e legisladores. Para Munanga (2010, p. 6), “o fechamento radical em torno de ‘nós’ leva à intolerância e aos mecanismos de discriminação que degeneram em desigualdades e conflitos sociais.”

Assim, esse racismo estrutural, as intolerâncias religiosas, noções de superioridade de etnias e raças se configuram em ideias preconceituosas socialmente construídas que apenas perpetuaram divergências. Visto isso, Munanga (2010), então, confirma que estes conceitos, por ser tão enraizado e variado, não há soluções simples, a luta contra o racismo exige um esforço coletivo e contínuo para desafiar e dismantelar as estruturas que o criaram e sustentam, para isso, exige a educação dos conhecimentos de teorias e relações raciais do Brasil de séculos passados quanto do Brasil contemporâneo. Dessa forma, destaco Fanon (2008, p. 33) onde diz que “é por esta razão que julgamos necessário este estudo, que pode nos fornecer um dos elementos de compreensão da dimensão para-o-outro do homem de cor. Uma vez que falar é existir absolutamente para o outro.” Ou seja, o teórico propõe que, precisa-se falar e estudar e falar a cada dia mais sobre literatura negra.

Sendo assim, Munanga (2010), aponta que agora que estamos minimamente preparados para discutir o conceito de racismo, começando pelo conceito de raça, no qual é possível ter um diálogo aberto entre povos, culturas, religiões e a vontade de mudar tanto as políticas quanto as percepções pessoais. Visto isso, é um trabalho árduo e constante, mas necessário. Vale ressaltar, que cada ser humano poderia questionar a si próprio o porquê de ainda existir o racismo no mundo, visto que é considerado como algo perverso e rompe com a dignidade da pessoa humana. Contudo, se fosse fácil responder esses questionamentos, também seria muito fácil encontrar respostas. Para Munanga:

Cada um poderia direta e interiormente se perguntar por que essas coisas acontecem no nosso mundo, contrariando os princípios da solidariedade humana, ou seja, da humanidade? Se tivéssemos respostas fáceis, creio que teríamos também facilidade para encontrar soluções. O fenômeno chamado racismo tem uma grande complexidade, além de ser muito dinâmico no tempo e no espaço. Se ele é único em sua essência, em sua história, características e manifestações, ele é múltiplo e diversificado, daí a dificuldade para denotá-lo, ora através de uma única definição, ora através de uma única receita de combate. (MUNANGA, 2010, p. 2)

Assim, nessa visão, todas as formas de preconceito, incluindo o racial, são produzidas pelas diferenças dentro da sociedade, sejam elas econômicas, de gênero, religiosas, étnicas ou de "raça".

Vale salientar que no Brasil, alguns argumentos são empregados no debate sobre cotas raciais em universidades públicas, em que se pode observar que esta pauta ainda tem muito a ser explorada e estudada, devido ao fato de que muitos raciocínios sejam ideológicos pessoais, muitas vezes sem fundamentos. Segundo Munanga (2010, pg. 3), “as diferenças percebidas entre ‘nós’ e os ‘outros’

constituem o ponto de partida para a formação de diversos tipos de preconceitos, de práticas de discriminação e de construção das ideologias delas decorrentes”. Além disso, ele lembra que além das classes sociais, encontramos na sociedade brasileira, ou melhor, em todas as sociedades, mais de uma comunidade religiosa, que apesar de cultuarem o mesmo deus e compartilharem de uma comunidade étnica ainda existe discriminação, tal como na Índia, que:

Na concepção hinduísta, eles veem o mundo com certas aptidões hereditárias que os tornam capazes de cumprir os deveres de sua casta. É proibida a mistura de sangue, o que torna a casta endogâmica. Antes de 1950, os intocáveis não podiam estudar numa universidade pública junto com os membros das quatro castas superiores hierarquizadas. (MUNANGA, 2010, p. 4).

Essas diferenças podem ser baseadas em características visíveis, como raça e etnia, ou em outras menos evidentes, como cultura, religião ou status socioeconômico.

É o que acontece atualmente no Brasil quando os diversos meios: midiáticos, legisladores, dirigentes, movimentos sociais, ativistas, acadêmicos, lançam mãos dos argumentos de alguns estudiosos para aclarar suas posições em favor ou contra as cotas ditas raciais nas universidades públicas brasileiras. (MUNANGA, 2010, p. 3).

O texto olha para o presente, examinando como essas teorias são empregadas em debates políticos e sociais atuais, refletindo a contínua relevância da raça nas políticas públicas e na identidade nacional do Brasil. “Com efeito, no seio de uma sociedade como a brasileira, encontramos classes sociais, comunidades religiosas, etnias, sexos, gêneros, culturas, idades, etc. diferentes” (MUNANGA, 2010, pg. 3). Ou seja, o que deveria ser contribuição de riqueza cultural do país, torna-se motivo de discriminação. Geralmente, os membros de uma comunidade religiosa pensam que sua religião é a melhor do mundo e a única verdadeira, sendo as outras consideradas como ruins ou inferiores, assim como também o conceito do egocentrismo dos sexos, em que o masculino sobrepõe ao feminino, a discriminação intelectual entre as idades e as diferentes línguas, isso consiste também em relação de comunidades etnocêntrica, ou seja:

Seus membros desenvolvem preconceitos étnicos ou culturais quando manifestam tendência em valorizar sua cultura, visão do mundo, religião, etc. e em menosprezar as de outras etnias que consideram inferiores. Contrariando ao conceito do verdadeiro significado de que “etnia é um conjunto de indivíduos que possuem em comum um ancestral, um território geográfico, uma língua, uma história, uma religião e uma cultura. (MUNANGA, 2010, p. 5).

Portanto, o verdadeiro significado de etnia é: grupos de pessoas que lutam e vivem para guardar e defender a sua ancestralidade, território, língua, história, religião e cultura. Assim, ao finalizar este primeiro texto que reflete sobre como características como etnia, religião, gênero e idade podem se tornar motivo de discriminação, gerando um comportamento etnocêntrico onde um grupo enaltece sua própria cultura em detrimento das demais. E dando ênfase ao segundo tópico que será focado na distinção entre racismo e discriminação, ressaltando que o racismo é estrutural e sistemático, gerando privilégios ou desvantagens para determinados grupos.

Assim, unificando os tópicos aponta-se para a necessidade de compreender a diversidade como um elemento enriquecedor, combatendo estruturas discriminatórias que minam a coexistência equilibrada entre os diferentes grupos da sociedade.

2.2 Racismo e discriminação

Antes de entrarmos neste tópico, vale ressaltar a diferença entre o que é racismo e o que é discriminação. Sim, o racismo é de fato estrutural condicionado por uma forma hostil discriminatória. Almeida (2019) aponta que, “O racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos. Já a discriminação refere-se a juízos baseados em estereótipos sobre membros de determinados grupos raciais.” Além disso, o autor ainda ressalta que:

O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. Considerar negros violentos e inconfiáveis, judeus avaros ou orientais “naturalmente” preparados para as ciências exatas são exemplos de preconceitos. A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. (ALMEIDA, 2019).

Então, ao entender o racismo como estrutural, podemos identificar suas diversas formas de manifestações, que vão muito além de atos individuais de discriminação. Para Almeida (2019, p. 15) “a tese central é a de que o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade”. No entanto, apesar de ser evidente, ainda há quem diga que não exista racismo, como Fanon (2008) relata:

Embora fosse um fato perturbador para o típico leitor francês, a má-fé prevalecia através de uma rejeição não-empírica de sua suposta falta de validade: eles simplesmente diziam que o racismo não existia (apelo à evidência) recusando examinar a evidência. (FANON, 2008, p. 14).

Ou seja, neste contexto, é apresentado o argumento de que o típico leitor francês tinha uma postura astuciosa ao rejeitar a existência do racismo. Em vez de examinar a evidência apresentada sobre o tema, eles simplesmente alegavam que o racismo não existia, baseando-se apenas em sua própria percepção e no estereótipo discriminatório sem embasamento real de “que em vez de estudar os problemas enfrentados pelas pessoas negras, as próprias pessoas passam a ser o problema” (FANON, 2008, p. 14).

Isso demonstra uma atitude de negação e recusa em confrontar a realidade, o que impede o avanço no combate ao racismo e na promoção da equidade. Além de que isso reflete uma tendência social de culpabilização das vítimas, desviando o foco das injustiças e desigualdades estruturais para as próprias pessoas que sofrem com essas questões. Essa abordagem, além de injusta, contribui para perpetuar estereótipos e preconceitos, dificultando a busca por soluções eficazes e seguras para a promoção justa de unidade.

Uma vez que, o racismo ganhou destaque durante a era colonial, foi usado para justificar a exploração, a escravização e a discriminação de determinados grupos étnicos, ou seja, aqueles que não estavam condizentes ao sistema europeu. Então, foi imposto a ideia de “raça” humana como uma forma de classificação baseada em características físicas, como cor da pele, cabelo, formato do rosto, modos de viver e modo de falar e, sobre isso, Fanon (2008) descreve:

O negro antilhano será tanto mais branco, isto é, se aproximará mais do homem verdadeiro, na medida em que adotar a língua francesa. Não ignoramos que esta é uma das atitudes do homem diante do Ser. Um homem que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito. Já se vê aonde queremos chegar: existe na posse da linguagem uma extraordinária potência. (FANON, 2008, p. 34).

É essa visão racista científica dos povos africanos e dos ameríndios, que Almeida (2019, p. 20) destaca quando diz que “para o escritor holandês do século XVIII, os indígenas americanos ‘não têm história’, são ‘infelizes’, ‘degenerados’, ‘animais irracionais’ cujo temperamento é ‘tão úmido quanto o ar e a terra onde vegetam’”, é um reflexo do eurocentrismo e da ideologia colonial. Com isso, essa narrativa de inferioridade e barbarismo atribuída a esses povos serviu para justificar essa dominação “civilizatória” europeia. Para Almeida (2019):

Desse modo, a pele não branca e o clima tropical favoreceriam o surgimento de comportamentos imorais, lascivos e violentos, além de indicarem pouca inteligência. Por essa razão, Arthur de Gobineau recomendou evitar a ‘mistura de raças’, pois o mestiço tendia a ser o mais ‘degenerado’. (ALMEIDA, 2019, p. 21).

Todavia, a citação destacada aponta para a ideia de que a linguagem desempenha um papel fundamental na formação da identidade e na percepção do mundo por parte dos indivíduos. A adoção de uma determinada língua, como a francesa no contexto mencionado, pode ser vista como um meio de se aproximar de um ideal de identidade ou de ser humano considerado mais valorizado ou aceito dentro de determinado contexto social ou cultural, isto é, “quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será.” (FANON, 2008, p. 34). Ou seja, os colonizadores idealizavam que os negros não eram civilizados por não estarem nos devidos padrões por eles impostos.

No entanto, é importante colocar que essa associação entre a língua adotada e uma suposta proximidade com um padrão de “homem verdadeiro” ou “mais branco” reflete um viés eurocêntrico e culturalmente dominante, extremamente racista e discriminatório. Por fim, é fundamental questionar e desconstruir essas ideias que associam a posse de determinadas línguas ou culturas com características intrínsecas de superioridade ou inferioridade.

Assim, é importante questionar e desconstruir essas concepções e a literatura afrobrasileira emerge justamente como um espaço de resistência e afirmação da identidade, dando voz às narrativas que foram silenciadas ao longo dos séculos. Autores negros, por meio de suas obras, revelam as vivências, lutas e conquistas de seu povo, desafiando muitos estereótipos e reconstruindo a história sob uma perspectiva verdadeira, reconhecendo que todas as formas de expressão cultural têm valor e legitimidade. Contudo, a seguir será enfatizado o tópico “O negro na literatura” a importância dessa produção literária.

2.3 O negro na literatura

Esse tópico irá mostrar a importância da Literatura Afro-brasileira, também chamada por alguns escritores de Literatura Negra. Além do mais, também tem o intuito de desconstruir trivialidades que foram colocados na sociedade ao longo dos séculos de colonização, de que o negro não era e nem poderia ser um intelectual. Segundo Cuti (2010. p. 15): “No Brasil, durante os quatro primeiros séculos, escritores ficaram a mercê das letras lusas, o domínio político e econômico também

se refletia no domínio cultural, incluindo a literatura”. Visto isso, enfatizo a fala de Silva & Cardoso (2016), na qual fazem a seguinte colocação:

A literatura negra muda o lugar do negro na história da humanidade. Sabendo que a literatura brasileira canônica é uma literatura de hegemonia branca, é uma literatura feita por escritores brancos, cuja maioria dos personagens são brancos; já os negros, são escassos, no caso das mulheres, são domésticas ou prostitutas, já os homens, são malandros, maus elementos, ter o negro no protagonismo é um problema muito sério. Quando se tem a presença do negro em uma literatura brasileira reconhecida, canônica, em grande medida temos uma representação marcada por esses estereótipos, a mulata assanhada, por exemplo, que é uma mulher noturna, que é corpo, ela não é alma. Vemos o contrário em uma escrita de autoria negra, e essas figuras emergem como seres humanos na sua integridade. (SILVA; CARDOSO, 2016, p. 7).

Sobre isso, Cuti (2010, p.16) enfatiza que: “até então, nesse contexto, os descendentes de escravizados são utilizados como temática literária predominantemente pelo viés do preconceito e da comiseração. A escravidão havia coisificado os africanos e sua descendência.” Com isso, a cultura negra é um elemento fundamental na formação da identidade nacional, a experiência do negro, suas perspectivas, suas vivências, são extremamente ricas e precisam ser influentes não apenas na música, a dança, a culinária e a religiosidade, mas também a produção literária. Cuti (2010, p. 15) aponta que: “a crítica literária brasileira não podia ficar à margem do processo, pois fazia e faz parte do conjunto das relações sociais.” Do mesmo modo, Duarte (2010), complementa:

Enquanto muitos ainda indagam se a literatura afro-brasileira realmente existe, a cada dia a pesquisa nos aponta para o vigor dessa escrita”. [...] Desde a década de 1980, a produção de escritores que assumem seu pertencimento enquanto sujeitos vinculados a uma etnicidade afrodescendente cresce em volume e começa a ocupar espaço na cena cultural. (DUARTE, 2010, p.1).

No entanto, apesar deste contexto, a literatura negra ainda é pouco vista é desvalorizada na cultura nacional. Além disso, a presença limitada de autores e autoras negras na literatura brasileira reflete as desigualdades e preconceitos presentes na sociedade em relação à cultura e produção intelectual. Segundo Cuti:

A maneira como os escritores tratarão os temas relativos às vivências dos africanos e de sua descendência no Brasil vai balizar-se pelas ideias vindas da Europa, abordando o encontro entre os povos, sobretudo no que diz respeito à dominação dos europeus desde o início da colonização. (CUTI, 2010, p. 17).

Então, a partir disso, entende-se que foi e faz-se necessário escrever e desenvolver trabalhos voltados a valorização de obras da literatura negra. Proença Filho (2004), menciona ainda mais que é importante valorizar e ampliar o espaço desses escritores na tradição literária do país, reconhecendo a riqueza e diversidade de suas vozes e contribuições para a construção da identidade cultural brasileira. Para Cuti (2010):

Uma das formas que o autor negro-brasileiro emprega em seus textos para romper com o preconceito existente na produção textual de autores brancos é fazer do próprio preconceito e da discriminação racial temas de suas obras, apontando-lhes as contradições e as consequências. Ao realizar tal tarefa, demarca o ponto diferenciado de emanção do discurso, o “lugar” de onde fala.” (CUTI, 2010, p. 25).

Vale ressaltar, que valorizar e ampliar o espaço desses escritores na tradição literária do país, é reconhecer a importância intelectual na diversidade de suas vozes e contribuições para a construção cultural brasileira. Sobre isso, Filho (2004) exemplifica que:

A matéria negra, embora só ganhe presença mais significativa a partir do século XIX, surge na literatura brasileira desde o século XVII. No século XIX, presentifica-se a visão estereotipada, que vai prevalecer até a atualidade, com alguma variação. Tomada como ponto de partida a caracterização proposta por David Brookshaw, em seu livro *Raça e cor na literatura brasileira*, 1983, embora com algumas ressalvas a outras colocações suas nessa mesma obra, passo a destacar os estereótipos que considero mais evidentes. (FILHO, 2004, p. 1)

No entanto, ainda há diversidade de opiniões entre os escritores negros em relação ao uso de expressões que os identificam racialmente. Enquanto alguns veem as denominações como limitadoras e cheias de estereótipos. Segundo Souza & Lima (2006) para eles, essas expressões particularizadoras acabam por rotular e aprisionar a sua produção literária.

Todavia, outros enxergam nelas uma forma de reivindicar seus valores e lutar contra a exclusão social. Essa questão mostra a complexidade e a pluralidade de vozes dentro da literatura negra no Brasil. Souza & Lima (2006), apontam que:

Quando nos referimos à literatura brasileira, não precisamos usar a expressão “literatura branca”, porém, é fácil perceber que, entre os textos consagrados pelo “cânone literário”, o autor e autora negra aparecem muito pouco, e, quando aparecem, são quase sempre caracterizados pelos modos inferiorizantes como a sociedade os percebe. Assim, os escritores de pele negra, mestiços, ou aqueles que, deliberadamente, assumem as tradições africanas em suas obras, são sempre minoria na tradição literária do país. (SOUZA; LIMA, 2006, p. 13).

Visto isso, apesar de haver contradições entre os escritores, essas expressões surgem como forma de reafirmar a importância e a relevância da produção cultural negra, que por muito tempo ou ainda é marginalizada e invisibilizada. Escritores como Machado de Assis, que, apesar de sua ascendência mista, é raramente lembrado por sua cor.

Então, a literatura negra, passa a ser valorizada como uma forma de resistência e de reafirmação da história e da identidade do povo negro no Brasil. Segundo Souza e Lima, os “outros consideram que essas expressões permitem destacar sentidos ocultados pela generalização do termo ‘literatura’. E tais sentidos dizem respeito aos valores de um segmento social que luta contra a exclusão imposta pela sociedade”. (SOUZA; LIMA, 2006, p. 13)

Destarte, ao longo dos séculos, autores negros têm abordado a questão racial de diferentes maneiras, revelando as contradições, desigualdades e denunciando as mentiras contadas erroneamente por séculos e séculos sobre o sistema escravocrata que aconteceram na sociedade brasileira. Neste contexto, é fundamental analisar como a literatura brasileira tem lidado com a representação e a valorização do negro, contribuindo para a desconstrução de estereótipos e para a construção de uma narrativa mais inclusiva e plural. Souza & Lima (2006) ressaltam que através do reconhecimento e revalorização da herança cultural africana e da cultura popular, a escrita literária é assumida e utilizada para expressar um novo modo de se conceber o mundo.

Dentro desse contexto, Machado de Assis ocupa um lugar singular, a sua literatura permanece como um campo fértil para debates sobre raça e identidade no Brasil, em que será detalhado no próximo tópico “O negro e a mulher negra em Machado de Assis”. Visto que, os críticos apontavam que ele evitava se envolver diretamente em discussões político-sociais, sendo acusado muitas vezes de branqueamento. No entanto, estudos indicam que Machado abordou a condição da mulher negra em alguns de seus textos, como no conto em análise “Mariana”, em que há interpretações que sugerem que essa escrita, de maneira sutil e irônica, expõe as injustiças e contradições do sistema escravagista.

2.4 O negro e a mulher negra em Machado de Assis

Joaquim Maria Machado de Assis, brilhante escritor brasileiro, no qual permanece como uma figura central na literatura do país, não apenas por sua obra vasta e diversificada, mas também por sua origem humilde e afrodescendente. Além disso, sua capacidade de capturar a complexidade da sociedade brasileira, com todas as suas contradições e nuances, faz de suas histórias um espelho da alma humana, transcendendo tempo e espaço. Silva & Cardoso (2016) mencionam que:

Machado de Assis era neto de escravos, mestiço. Teve uma infância e uma juventude humilde. Abandonado, foi criado por uma madrastra que também era mestiça. Machado de Assis, para sobreviver, vendia quitutes na rua, que sua madrastra produzia. Dessa forma, desenvolveu-se aquele que no futuro se denominaria de “um escritor caramujo”, isto é, o sujeito que fez uso de mais de dez pseudônimos, na década de 1870, transmuta-se em um artista altamente crítico, irônico e pessimista. (SILVA; CARDOSO, 2016, p. 8).

Todavia, a crítica literária da época de Machado, evidenciou que o escritor não se envolvia em discussões político-sociais de seu tempo, visto que alguns biógrafos e pesquisadores o acusam de branqueamento e aburguesamento, e completa omissão política diante das tragédias sociais de sua época, como a escravidão. Vale ressaltar que esse assunto sempre é motivo de debate na literatura machadiana.

No entanto, é importante destacar que Machado de Assis abordou de forma sutil e complexa questões sociais e políticas em suas obras, mesmo que não tenha adotado uma postura explícita de enfrentamento aos problemas de sua época, como a escravidão. Silva & Cardoso (2016) ressaltam que apesar dessas discussões:

Machado de Assis foi um ácido crítico. As descrições de uma sociedade que procurava sua modernização em meio à intensa constância de vestígios coloniais podem ser encontradas em personagens assinalados pela pretensiosidade, pelo mau caráter, e pelo egoísmo. (SILVA; CARDOSO, 2016, p. 16).

Sua escrita subversiva e irônica revela críticas à sociedade e à política brasileira, de maneira mais indireta e simbólica. Nesse raciocínio, a grande crítica possivelmente seja sobre a provável ausência do tema “escravatura” em seus textos, que ecoaria incoerente, face ao seu étnico pertencimento.

Todavia, esse homem negro da literatura da época era representado somente através de características desagradáveis. De acordo com Duarte (2007):

(...) os estereótipos do escravo vingativo e assassino, do feiticeiro deformado física e moralmente, ou da mucama pervertida que destrói a família do senhor, estão presentes em *Vítimas e algozes*, de Joaquim Manoel de Macedo; já a mulata assanhada, que seduz e leva o português à perdição, destaca-se nas páginas de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo; e o negro de alma branca, reduzido a cão fiel ao senhor, ajuda a compor a figura do preto Domingos, personagem de José do Patrocínio em *Mota Coqueiro*. Apesar de condenarem explicitamente a escravidão e de se envolverem na campanha abolicionista, que, inclusive, tem em Patrocínio um de seus líderes, tais autores deixam aflorar em seus textos as marcas discursivas oriundas do pensamento racial hegemônico (...) (DUARTE, 2007, p. 251-252).

Além do mais, Silva & Cardoso (2016) apontam que:

Para o pesquisador Eduardo de Assis Duarte, a produção de Machado apresenta o negro como indivíduo: honesto, desonesto, esperto, ingênuo, com seus altos e baixos. Pontos que já diferem Machado de Assis dos demais escritores de seu tempo, que consideram o negro como um sujeito de segunda classe. Machado enxergava alguns atos de rebeldia, ou de esperteza, em relação aos escravos, como sinais de autêntica defesa.[...]

[...] O que importa, interessa na escrita do autor em estudo é o que não se vê, o que está nas entrelinhas da escrita. Nota-se que Machado não era alienado, mas um indivíduo ciente e observador da sociedade da qual fazia parte, e a descreveu com uma astúcia, como arduamente pudessem retratar. Outro aspecto importante é que a obra de Machado não defende o racismo através da estereotipação negra. Contrariamente, sua narrativa realiza uma denúncia ao racismo, ao relatar as relações desarmônicas entre senhores e escravos, e as tiranias cometidas aos negros.” (Silva; Cardoso, 2016, p. 18).

Nessa sutileza, Machado retrata, então, a forma em que via a sociedade da época, fazendo com que descrevesse com naturalidade da escravidão e a desumanização dos escravizados eram características comuns na sociedade brasileira daquele século. Em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, por exemplo, o autor aborda essa questão através do personagem do menino diabo, que trata a escrava de sua casa de forma autoritária e desrespeitosa.

Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer a minha mãe que a escrava é que estragara o doce ‘por pirraça’; e eu tinha apenas seis anos. (ASSIS, 2004).

Ou seja, isso mostra a naturalização da violência e da submissão da mulher referente ao poder do homem, no caso, de um menino de seis anos, de acordo com Constância Lima Duarte (2008, p. 1) “as relações de poder, do macho sobre a fêmea, estão bem visíveis nas relações sociais de gênero.” Assim, como também em “Pai contra mãe” (2001). Isto é, os fatos são retratados nas obras do autor, não como uma forma de escandalizar e vitimizar o negro, mas de mostrar de uma forma real a sua realidade vivida nas ruas e sobretudo são críticas relevantes e atemporais. Além do mais, Lima Duarte (2008) enfatiza que:

Não passa um dia sem que uma mulher seja espancada, sangrada, violada, apenas por ser mulher. E não me refiro só à violência física que deixa marcas visíveis no corpo. Também as outras, a humilhação, a ofensa, o desprezo, marcam, doem, e são cotidianas. (DUARTE, 2008, 1).

Essas representações na obra de Machado de Assis são importantes para compreendermos não apenas a realidade da época, mas também para refletirmos sobre as desigualdades e injustiças presentes na sociedade contemporânea. Conceição Evaristo, em sua obra “Ponciá Vicencio” (2003), enfatiza que:

Ao ver a mulher tão alheia teve desejos de trazê-la ao mundo à força. Deu-lhe um violento soco nas costas, gritando-lhe pelo nome. Ela devolveu um olhar de ódio. Pensou em sair dali, ir para o lado de fora, passar por debaixo do arco-íris e virar logo homem. Levantou, porém, amargurada de seu cantinho e foi preparar a janta dele. (EVARISTO, 2003. p. 15).

A autora deixa claro na obra e em boa parte das suas obras sobre a mulher negra na literatura e a narrativa reflete a luta interna da personagem entre a submissão e o desejo de liberdade e um desejo ardente dela de se tornar um homem. No contexto é descrito uma situação de violência doméstica e submissão. A mulher, mesmo após sofrer um ato de agressão, levanta-se amargurada para preparar a janta do agressor, mostrando a opressão e a resignação que muitas mulheres enfrentam, os sonhos muitas vezes frustrados, e a vontade de mudar de vida.

2.5 Contextos do Naturalismo

Machado de Assis no conto “Mariana” (2019), apresenta uma crítica social relevante do fim do século XIX, dentro do princípio da estética naturalista. De forma sutil, ele não deixa que a sociedade pudesse perceber que se tratava de uma crítica sobre a sujeira escravocrata, colonial e burguesa do final do século. Segundo Duarte (2020), “Machado de Assis, foi um verdadeiro capoeirista da palavra ao denunciar, sob disfarce, a exploração escravista e a desumanidade do sistema”. Desse modo, no conto, ele explora as tensões raciais e sociais através das interações e percepções dos personagens. Por exemplo, a personagem Mariana enfrenta preconceitos e discriminações veladas, refletindo a complexidade das relações raciais no Brasil do século XIX.

Todavia, quando se trata de uma obra naturalista, faz-se necessário evidenciar a obra “O cortiço”, de Aluísio de Azevedo, em que o autor apresenta o racismo de maneira mais explícita. O romance relata o cotidiano dos moradores de um cortiço, que na maioria eram negros, mestiços e escravizados e como eles eram animalizados e depreciados pela sociedade. Assim também como Amaro em “O Bom-Crioulo”, de Adolfo Caminha, em que mostra a “bestialização” do corpo negro, descrito com uma força física sobre-humana e comparado a um “animal”. Além disso, o título “Bom-

Crioulo” remete ao estereótipo do negro submisso e leal, semelhante a Mariana. Visto isso, Azevedo utiliza o ambiente do cortiço para mostrar a violência, opressão e a ambição do homem que resultam do racismo estrutural, enfatizando a influência do meio ambiente e das condições socioeconômicas na perpetuação das desigualdades raciais.

Com isso, faz-se necessário as análises com mais compreensão neste contexto. Enquanto Machado usava palavras mais sutis, Azevedo evidenciava o racismo de maneira mais direta: “A arte, portanto, passa a ser “engajada”, contendo nítidos apelos sociais, e ante-burguesa, retratando a dissolução moral da burguesia, por meio de casos patológicos.” (AZEVEDO, 2019, p. 8).

No romance “O Cortiço”, o personagem taverneiro João Romão ganha tanta confiança da escrava fugida Bertoleza, que ela passou a aceitar cegamente todas as suas decisões: “E por tal forma foi o taverneiro ganhando confiança no espírito da mulher, que esta afinal nada mais resolvia só por si, e aceitava dele, cegamente, todo e qualquer arbítrio. (AZEVEDO, 2019. p. 14). Uma semana depois, ele trouxe uma carta escrita, declarando que a mulher estava livre, mas essa carta foi escrita pelo próprio João Romão, apenas com intuito de roubar o dinheiro da mulher: “Você agora não tem mais senhor! Declarou em seguida à leitura, que ela ouviu entre lágrimas agradecidas. Agora está livre. Doravante o que você fizer é só seu e mais de seus filhos, se os tiver. Acabou-se o cativo de pagar os vinte mil-réis.” (Azevedo, 2019). No entanto, Bertoleza foi achada por seu senhor e no desespero da traição de seu companheiro, ela se suicida:

É minha escrava [...]

[...]— É esta! disse aos soldados que, com um gesto, intimaram a desgraçada a segui-los. — Prendam-na! É escrava minha! A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado. E depois embarcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue. João Romão fugira até ao canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos. (AZEVEDO, 2019, p. 35).

Logo, pode-se notar a desumanidade, o desespero, a resistência, assim como, a covardia e a hipocrisia. A frase: “É minha escrava!”, é uma frase na qual destaca a visão dos escravos como propriedade, sem direitos, sem dignidade. Além disso, o desespero e resistência, é perceptível nas reações de Mariana e Bertoleza que preferem a morte para escapar da captura, o que simboliza o extremo desespero e a falta de esperança dos escravos. Essa ação é um ato final de resistência contra a opressão e a covardia e hipocrisia.

Voltando para o conto Mariana, o autor deixa bem claro que ela era considerada “praticamente” da família, mas apenas como uma ideia de manipulação sentimental, e assim pode-se perceber essa grande hipocrisia existente naquela sociedade. “Compreendia bem que na situação em que se achava só lhe restava pagar com muito reconhecimento a bondade de sua senhora.” (Assis, 2019). Por fim, logo, vê-se que Mariana não era livre para viver as suas próprias escolhas, pois tinha o dever de servi-los e ser submissa somente por gratidão. Nesse contexto, compreende-se o racismo velado e disfarçado de bondade.

Ambas as obras destacam como o racismo afeta profundamente a vida dos personagens, seja de forma explícita ou implícita. Elas revelam as diferentes facetas do preconceito racial e como ele está entrelaçado com as estruturas sociais e econômicas da época. Essa abordagem crítica do racismo é uma característica importante que conecta as obras, apesar das diferenças em estilo e enfoque narrativo.

3 UMA ANÁLISE DO CONTO “MARIANA”, EM MACHADO DE ASSIS

A trama se passa na cidade do Rio de Janeiro, que foi publicada originalmente no Jornal das famílias, em janeiro de 1871. Dá-se início a narrativa em primeira pessoa, pelo personagem Macedo, que dá a voz em discurso direto para o personagem Coutinho, homem branco da alta sociedade. Ele expõe a história de uma jovem chamada Mariana, moça de pele negra, vinda da sociedade escravizada, descrita como mulata. Visto isso, esta narrativa é colocada sobre a perspectiva dele. Macedo, velho amigo de Coutinho, regressando ao Brasil depois de 15 anos na Europa: “Voltei de Europa depois de uma ausência de quinze anos. Era quanto bastava para vir achar muita coisa mudada. Alguns amigos tinham morrido, outros estavam casados, outros viúvos.” (Assis, 2019). Após reencontrar-se com um antigo amigo, Macedo contou a ele todas as suas vivências na Europa, e a partir de suas conversas o homem sentiu-se livre para expor sua história vivida com Mariana:

- Pois que estamos aqui reunidos, disse ele, ao cabo de quinze anos, deixem que, sem exemplo, e para completar as nossas confidências recíprocas, eu lhes confesse uma coisa, que nunca saiu de mim.
- Bravo! Disse eu; ouçamos a confidência Coutinho. (ASSIS, 2019, p. 7).

Mariana é descrita por Coutinho como uma gentil mulatinha, termo depreciativo ao se referir que a moça era de pele negra, mas, segundo ele, criada como as demais moças da casa. Logo, ela era

uma escrava criada, educada parcialmente por sua dona e considerada “da família”, mas nunca se sentava à mesa para comer com os demais, pois tinha que sempre estar disposta a servi-los. “Não se sentava à mesa, nem vinha à sala em ocasião de visitas, eis a diferença; no mais era como se fosse pessoa livre, e até minhas irmãs tinham certa afeição fraternal.” (Assis, 2019). Todos a consideravam “quase” da família, porém Mariana não se considerava assim, pois seu tratamento era vago, diferente do tratamento das outras moças da casa: “Compreendia bem que na situação em que se achava, só lhe restava pagar com reconhecimento a bondade de sua senhora.” (Assis, 2019). Sendo assim, surge a seguinte indagação: se na narrativa de Coutinho, Mariana é quase senhora, como explicar que a moça haveria de ter muita gratidão à sua senhora? Visto isso, pode-se perceber o quanto Machado de Assis, coloca nas entrelinhas do diálogo essas contradições.

De fato, ela não era uma mulher livre, tanto para suas escolhas sociais quanto para ter um relacionamento amoroso; ou seja, ela era uma pessoa que vivia na condição de escravidão, contudo, velada.

. Sou uma simples escrava.”

- “Escrava, é verdade, mas escrava quase senhora. És tratada aqui como filha da casa. Esqueces esses benefícios?”

- “Não os esqueço; mas tenho grande pena em havê-los recebido.” (ASSIS, 2019, p. 9).

Quando o narrador afirma que “Mariana era criada como as demais moças da casa, e recebendo de minha mãe os mesmos afagos que ela dispensava a outras filhas” (Assis, 2019), supõe-se aos leitores que Mariana poderia ter os mesmos privilégios das outras moças brancas. No entanto, todo o resto da narrativa do conto diz o contrário. Logo em seguida, ele diz: “A sua educação não fora tão completa quanto a de minhas irmãs.” (Assis, 2019). Sendo assim, pode-se enfatizar que Mariana não tinha todos os privilégios que eram ditos.

Além disso, Mariana amava seu senhorzinho, o personagem Coutinho, que não correspondia a esse amor, pois já estava noivo e se casaria em breve com a prima Amélia. Todavia, Coutinho lamenta que nunca mais será tão amado: “Antes e depois amei e fui amado muitas vezes; mas nem depois nem antes, e por nenhuma mulher fui amado jamais como fui... — Por tua prima? Perguntei eu. — Não; por uma cria de casa.” (Assis, 2019). No entanto, após esta revelação, o moço começou a vê-la com outros olhos, destaco:

Mariana aos 18 anos era o tipo mais completo da sua raça. Sentia-se-lhe o fogo através da tez morena do rosto, fogo inquieto e vivaz que lhe rompia dos olhos negros e rasgados. Tinha os

cabelos naturalmente encaracolados e curtos. Talhe esbelto e elegante, colo voluptuoso, pé pequeno e mãos de senhora. E impossível que eu esteja a idealizar esta criatura que no entanto me desapareceu dos olhos; mas não estarei muito longe da verdade. (Assis, 2019, p. 32).

Todavia, na descrição o homem idealiza fisicamente Mariana, mostrando assim que tinha um certo encanto pela moça, “A rapariga tornara-se interessante para mim, e qualquer que seja a condição de uma mulher, há sempre dentro de nós um fundo de vaidade que se lisonjeia com a afeição que ela nos vote”. (Assis, 2019). Porém, devido a sua posição de classe não poderia correspondê-la, e por muito tempo fingiu não saber desse sentimento de Mariana por ele. Além disso, ele relata que a moça era inteligente por natureza, e por esse motivo despertava a atenção de todos ao seu redor: “Bela mulher; grande mulher! Belos e grandes amores! [...]” “[...] Meu tio, João Luís, dizia-me muitas vezes”. (Assis, 2019).

Visto que, em momento algum o personagem se preocupa com os sentimentos de Mariana, mas sempre a coloca em posição de subalternidade, pois ao ver Mariana cada dia mais sucumbir de amores, deduz que a moça possa estar de namoro com um dos criados: “E quem será o namorado da senhora Mariana, perguntei rindo. O copeiro ou o cocheiro?”. (Assis, 2019). E por isso esse sofrimento se fazia cada vez evidente, ao ponto de moça ficar de cama por alguns dias.

Cerca de cinco semanas antes do dia marcado para casamento, Mariana adoeceu. O médico deu à moléstia um nome bárbaro, mas na opinião de Josefa era doença de amor. A doente recusou tomar nenhum remédio; minha mãe estava louca de pena; [...]

[...] Foi nestas circunstâncias que eu resolvi fazer um ato de caridade. Fui ter em Mariana e pedi-lhe que vivesse. - Manda-me viver? Perguntou ela

- Sim.

Foi eficaz a lembrança; Mariana restabeleceu-se em pouco tempo. Quinze completamente de pé. (ASSIS, 2019, p. 124)

Com isso, a narrativa mostra que Mariana fugiu por duas vezes por sofrer muito: “Nhonhô, eu saí porque sofria muito...” (Assis, 2019). Na primeira vez, ele a capturou e levou-a para casa. Já na segunda fuga, ele a encontrou em um hotel e, ao vê-lo, Mariana, em um ato de desespero e resistência, sabendo que não queria voltar a viver na condição de escrava e que seu amor não seria correspondido, suicidou-se com veneno. Visto isso, pode-se notar uma contradição entre narrativa de Coutinho e realidade de Mariana. O narrador afirma que Mariana vivia como uma mulher livre, mas a própria narrativa sugere o contrário. Pois a cada fuga da moça, todos saíam para capturá-la de volta. Isso cria uma contradição que pode ser intencional para destacar a falta de liberdade real de Mariana. Visto que, a liberdade verdadeira é questionada, pois se Mariana fosse realmente livre, ela teria autonomia

total sobre suas ações. Percebe-se que Mariana não quer mais viver com as pessoas, o que implica um desejo de mudança e uma insatisfação com sua situação atual. Isso reforça a ideia de que sua liberdade é restrita, pois ela não consegue simplesmente sair e viver sua vida como deseja, pois na visão de todos a moça tinha que permanecer ali apenas por gratidão.

Denota-se que as críticas Machadianas são atemporais. De acordo com Joyce P. Vieira (2022, p. 257), “Machado apontava, portanto, a necessidade de um autor sempre estar atento às demandas contemporâneas da sociedade, de percebê-las plenamente.” Visto isso, essa sociedade que Machado critica é aquela que colocava como principal meio de produção o mercado escravagista negro, sustentada na hierarquia de que brancos eram melhores; devido a essa justificativa, a escravidão existia. De acordo com Cruz (2009, p. 24), “uma vez tornado escravo, sua humanidade cessa de existir, transformando-o em ‘coisa’”, principalmente quando diz respeito a uma mulher negra.

Visto tudo isso, a obra de Machado enfatiza a sociedade existente ainda nos dias atuais, visto que o racismo ainda não foi extinto da sociedade mundial, em que a mulher preta é constantemente estereotipada como pessoa de baixa categoria. Além disso, essa cultura é trivial, consequentemente herdada dessa sociedade patriarcal e racista. Segundo Carvalho para o site “A Gazeta” (2020):

Sozinha, uma mulher negra sustenta uma família inteira. Sozinha, uma mulher negra, não é considerada “mulher para casar”. Sozinha, uma mulher negra consegue uma rara oportunidade em uma grande empresa. Embora o assunto ainda não seja amplamente debatido, a solidão é uma realidade para muitas mulheres negras: seja nas rejeições que sofrem nas relações afetivas, nas oportunidades negadas ou ao perceberem que são as únicas a ocuparem um cargo de destaque.

Posto isso, vemos explicitamente a solidão da mulher negra, que muitas vezes são abandonadas simplesmente pela cor de sua pele. Winy Fabiano, empresária e educadora social, em entrevista também para o site “A Gazeta” destaca a seguinte fala: “[...] e desde que iniciei minha vida sexual, a pessoa sempre queria ficar comigo escondido. Até que um dia resolvi rejeitar todas as relações desse tipo, aí a solidão foi ainda maior.” (A Gazeta, 2020).

Sendo assim, é possível salientar na obra, além do racismo e escravidão, um assédio moral contra a mulher, danos psicológicos e emocionais. Antes do suicídio, Mariana diz para ele não se sentir culpado por sua morte: “[...] Oh! continuou ela com voz fraca; não lhe quero mal por isso. Nhonhô não tem culpa: a culpa é da natureza. Só o que eu lhe peço é que não me tenha raiva, e que se lembre algumas vezes de mim.” (Assis, 2019). Essa fala revela a profundidade do sofrimento de Mariana e sua resignação diante de sua condição. Mesmo em seus últimos momentos, ela demonstra

uma compreensão trágica de sua situação, eximindo Coutinho de culpa e atribuindo sua desgraça à natureza imutável das coisas. Além disso, a sua súplica para que ele não a odeie e se lembre dela ocasionalmente é um pedido comovente por um mínimo de reconhecimento e humanidade, algo que lhe foi negado em vida. Por fim, esse trecho destaca a complexidade emocional de Mariana e a crueldade de um sistema que a reduziu a uma existência de servidão e desespero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto apresenta uma análise detalhada do conto Mariana, de Machado de Assis, com foco nas referências à escravidão e ao racismo. Ele estrutura bem a problemática, destacando a relevância dessas discussões na literatura e na sociedade contemporânea. A abordagem aponta Machado de Assis como um autor de literatura afro-brasileira, enfatizando sua crítica sutil ao sistema escravista. Além disso, o trabalho considera a marginalização da população negra na literatura nacional, recorrendo a teóricos como Proença Filho (2004) e Duarte (2020), para reforçar a discussão.

A metodologia proposta foi dividida em tópicos que abordam aspectos fundamentais, como raça, discriminação e a posição da mulher negra na obra machadiana. A seleção de teóricos fortalece a pesquisa, garantindo uma base sólida para a análise. O texto demonstra um olhar crítico sobre as dinâmicas de poder, opressão e representações sociais. Em síntese, trata-se de um estudo bem fundamentado, que contribui para o debate sobre a literatura e as desigualdades raciais no Brasil.

Visto isso, é evidente que o conto “Mariana” de Machado de Assis não apenas retrata a realidade da escravidão e do racismo no Brasil do século XIX, mas também oferece uma reflexão profunda sobre a condição humana e as complexas relações sociais da época. Através da história de Mariana, uma jovem escrava que, apesar de ser tratada “quase” como membro da família, nunca alcança a verdadeira liberdade, Machado de Assis expõe as contradições e injustiças de uma sociedade escravocrata. A narrativa destaca a solidão e o sofrimento de Mariana, que, mesmo sendo inteligente e admirada, é constantemente lembrada de sua posição subalterna. Seu amor não correspondido pelo senhorzinho Coutinho e suas tentativas desesperadas de fuga culminam na trágica morte, simbolizando a desesperança e a falta de perspectivas para os escravos. A análise das referências à escravidão e ao racismo no conto permite uma compreensão mais ampla da representação da realidade brasileira, tanto no passado quanto no presente.

Sendo assim, a revisão teórica sobre raça e etnia destaca a complexidade e a profundidade histórica desses conceitos, evidenciando que questões de racismo e discriminação são problemas

sociais intrínsecos e multifacetados. Munanga (2010) e Almeida (2019) sublinham que a noção de raça está enraizada em classificações históricas e que a discriminação racial no Brasil não pode ser reduzida a questões econômicas, mas deve ser entendida como um sistema de desigualdade institucionalizado. Schwarcz (2005) reforça essa perspectiva ao mostrar como visões deterministas sobre a população negra foram historicamente usadas para justificar a desigualdade.

Já, na definição entre racismo e preconceito, foi fundamental distinguir esse tópico. O racismo é uma forma sistemática de discriminação baseada na raça, manifestando-se através de práticas que resultam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, como aponta Almeida (2019). Já o preconceito racial refere-se a julgamentos baseados em estereótipos sobre membros de determinados grupos raciais, que podem ou não resultar em discriminação.

Almeida (2019) destaca que o racismo é estrutural, integrando a organização econômica e política da sociedade. Fanon (2008) complementa essa visão ao relatar a negação da existência do racismo por parte de alguns, o que impede o avanço no combate às desigualdades estruturais. A era colonial utilizou o racismo para justificar a exploração e discriminação de grupos étnicos, impondo a ideia de “raça” humana baseada em características físicas. Fanon (2008) descreve como a linguagem e a cultura foram usadas para reforçar essas divisões.

E o Negro na Literatura Brasileira reside em sua capacidade de desconstruir estereótipos e trivialidades históricas que negaram a intelectualidade e a humanidade dos negros. Como Cuti (2010) e Silva & Cardoso (2016) destacam, a literatura canônica brasileira tem sido dominada por uma hegemonia branca, onde os personagens negros são frequentemente retratados de maneira estereotipada e marginalizada. A literatura afro-brasileira, por outro lado, oferece uma representação mais autêntica e completa dos negros, mostrando-os como seres humanos integrais com suas próprias histórias e perspectivas. Essa literatura não apenas enriquece a cultura nacional, mas também desafia as narrativas preconceituosas e contribui para a formação de uma identidade cultural mais ampla e diversa.

Para concluir estes tópicos teóricos, a análise de Machado de Assis e sua representação do negro e da mulher negra na literatura revela a complexidade e a profundidade de sua obra. Machado, neto de escravos e de origem humilde, conseguiu transcender as barreiras sociais de sua época, tornando-se uma figura central na literatura brasileira. Sua habilidade em capturar as nuances e contradições da sociedade brasileira é notável, embora, alguns críticos o acusem de omissão política e de não abordar explicitamente a escravidão, sua escrita subversiva e irônica oferece uma crítica sutil e profunda à sociedade e à política de seu tempo. Machado de Assis retratou personagens negros de

maneira complexa e multifacetada, desafiando os estereótipos predominantes e apresentando-os como indivíduos completos, com virtudes e defeitos. Em obras como “Memórias Póstumas de Brás Cubas” e “Pai contra Mãe”, ele aborda a violência e a submissão dos negros de forma realista, sem vitimização, mas como uma crítica atemporal às injustiças sociais.

Através de personagens e situações que refletem a brutalidade e a opressão, Machado revela as relações de poder e a violência de gênero, como destacado por Constância Lima Duarte. Essas representações são fundamentais para compreendermos não apenas a realidade da época, mas também para refletirmos sobre as desigualdades e injustiças que persistem na sociedade contemporânea. A obra de Machado de Assis, assim como a de Conceição Evaristo, que aborda a luta interna e a opressão das mulheres negras, nos convida a uma reflexão profunda sobre a necessidade do combate às desigualdades estruturais.

Em síntese, a análise do conto “Mariana” de Machado de Assis revela uma crítica social sutil e profunda sobre a sujeira escravocrata, colonial e burguesa do final do século XIX. Machado, descrito por Duarte (2020) como um “capoeirista da palavra”, utiliza a sutileza para denunciar a exploração escravista e a desumanidade do sistema. A personagem Mariana enfrenta preconceitos e discriminações veladas, refletindo a complexidade das relações raciais em comparação com obras naturalistas como “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo e “O Bom-Crioulo” de Adolfo Caminha, que apresentam o racismo de maneira mais explícita, vemos que ambas as abordagens destacam como o racismo afeta profundamente a vida dos personagens. Visto que, enquanto Azevedo e Caminha utilizam uma abordagem direta para evidenciar a violência e a opressão resultantes do racismo estrutural, Machado opta por uma crítica mais indireta e simbólica.

No conto “Mariana”, a aparente igualdade entre Mariana e as outras moças brancas é desmentida pela narrativa, que revela a desigualdade real. Essa discrepância sublinha a crítica de Machado à hipocrisia social e à perpetuação das desigualdades raciais e sociais.

Portanto, tanto a sutileza de Machado quanto a abordagem direta de Azevedo e Caminha são essenciais para compreender as diferentes facetas do preconceito racial e suas implicações nas estruturas sociais e econômicas daquele século.

Assim, podemos concluir que as críticas de Machado de Assis são atemporais e continuam relevantes nos dias atuais. Machado de Assis, como destacado por Joyce P. Vieira (2022), enfatizava a importância de os autores estarem atentos às demandas contemporâneas da sociedade. Ele criticava uma sociedade que se sustentava no mercado escravagista e na hierarquia racial, onde a escravidão era justificada pela suposta superioridade dos brancos. A obra de Machado de Assis reflete uma

sociedade que, infelizmente, ainda persiste em muitos aspectos, especialmente no que diz respeito ao racismo e à discriminação contra a mulher negra. A solidão e a marginalização das mulheres negras, como descrito por Carvalho (2020) e exemplificado por Winy Fabiano, são questões que continuam a afetar profundamente a vida dessas mulheres.

Ademais, a análise dos personagens de Machado de Assis revela a perpetuação de atitudes egoístas e insensíveis, como visto na relação entre Coutinho e Mariana, onde o personagem principal não se preocupa com os sentimentos de Mariana. Isso reflete um padrão de assédio moral e danos psicológicos que também são prevalentes.

Visto tudo isso, a obra de Machado de Assis não apenas critica a sociedade de seu tempo, mas também serve como um espelho para os desafios contemporâneos, mostrando que a luta contra o racismo e a discriminação ainda é necessária e urgente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Ed. Jandaíra - Coleção Feminismo Plurais (Selo Sueli Carneiro), 2020.

ASSIS, Machado de. **Mariana**. In: _____. Todos os contos, v. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019, p. 930-946.

AZEVEDO, Aluísio. **Cortiço**, O. 2. ed. Brasília: Edições Câmara, 2019.

CARVALHO, Elis. **A solidão da mulher negra no amor, na maternidade e no mercado de trabalho**. A Gazeta, 2020. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/a-solidao-da-mulher-negra-no-amor-na-maternidade-e-no-mercado-de-trabalho-1120>. Acesso em: 12 mar. 2024.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010. (Coleção Consciência em Debate; coordenada por Vera Lúcia Benedito).

CRUZ, Adélcio de Sousa. **Narrativas contemporâneas da violência**: Fernando Bonassi, Paulo Lins e Ferréz. 2009. 239 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) — Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/ECAP-7V3GHU>. Acesso em: 13 mar. 2024.

DUARTE, Constância Lima. **Gênero e Violência na Literatura afro-brasileira**. 2008.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e Afrodescendência**. Capturado do Portal LITERAFRO do site da Universidade Federal de Minas Gerais em 20 de abril de 2008.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Machado de Assis afrodescendente**. 3. Ed. Ver. Ampl. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

DUARTE, Eduardo de Assis, **Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade.**

DUARTE, Eduardo de Assis, **Por um conceito de literatura Afro-brasileira.**

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio.** 4. Ed. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2023.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas.** Trad. de Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FILHO, Domício P. **A trajetória do negro na literatura brasileira.** Estudos Avançados, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-193, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100017>. Acesso em: 17 set. 2024.

GAZETA, A. **A solidão da mulher negra no amor, na maternidade e no mercado de trabalho.** Publicado em 22/11/2020 Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/a-solidao-da-mulher-negra-no-amor-na-maternidade-e-no-mercado-de-trabalho-1120>.

MUNANGA, Kabengele. **Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo.** Cadernos Penesb, n. 12, p. 169-203, 2010 Tradução. Disponível em: biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_TeoriaSocialERelacoesRaciaisNoBrasilContemporaneo.pdf. Acesso em: 18 mar. 2024.

SILVA, Elen Karla Sousa da; CARDOSO, Sebastião Marques e. **Machado de Assis e a literatura afro-brasileira: uma leitura sob o viés da crítica literária.**

SOUZA, Florentina. **Mulheres negras escritoras,** 2017.

SOUZA, Florentina, LIMA, Maria Nazaré, **LITERATURA AFRO-BRASILEIRA.**

VIEIRA, Joyce Pereira. **“Mariana” (1871), de Machado de Assis: escravidão e racismo à brasileira.** Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem, v. 10, n. 1, 2022.